SOBRE FAMÍLIA, ESPIRITUALIDADE E A CONVIVÊNCIA COM DEUS E O DIABO

Marfiza Ramalho Reis¹

*Temos dois olhos.
Com um, contemplamos as coisas do tempo,
efêmeras, que desaparecem.
Com o outro, contemplamos as coisas da alma,
eternas, que permanecem.*
(Angelus Silesius, apud ALVES. 2017)

Nossa intenção nesse texto é compreender a espiritualidade em um sistema familiar seguindo os pressupostos *junguianos*, os quais nos dizem que isso só é possível no caminho da psicologia. Buscamos encontrar o elo da concepção do dogma com a experiência imediata e de que forma os símbolos se expressam no *Self* familiar.

Quando nos referimos a uma família como sendo religiosa, inúmeras vezes isso nos soa como o mito da família ideal. Entretanto, nos indagamos: será que ela existe? Esse tema nos parece muito complexo e difícil, no entanto, nossa inquietação e compreensão vão ao encontro da fala de Jung:

Para compreender as coisas religiosas acho que não há, no presente, outro caminho a não ser o da psicologia; daí meu empenho de dissolver as formas de pensar historicamente petrificadas e transformá-las em concepções de experiência imediata. É certamente uma tarefa difícil reencontrar a ponte que liga a concepção do dogma com a experiência imediata dos arquétipos psicológicos, mas o estudo dos símbolos naturais do inconsciente nos oferece os materiais necessários.

(JUNG. C. G. par. 148.1983)

¹ Psicóloga (PUC/SP), membro analista da SBPA; membro da IAAP (International Association for Analytical Psychology); mestra em psicologia clínica (PUC/RJ); especialista em psicoterapia de casais e famílias; membro da ATF-RJ e da ABRATEF. Trabalhos publicados sobre a relação psique-soma, sonhos e relações familiares. Organizadora do livro “Família em foco- sob as lentes do cinema” e “Etapas da família-quando a tela nos espelha”. Trabalha como psicoterapeuta no E-mail: marfizareis@gmail.com www.marfizareis.com.br

De acordo com Jung, podemos entender Deus, psicologicamente, como um supremo princípio orientador. Mas, também temos de entender que, quando fazemos essa formulação ou qualquer outra, fazemos sempre uma fórmula própria. É o que nós dizemos ou sabemos, é a nossa impressão, o quadro que nós pintamos. Se pintarmos uma paisagem, digamos, nunca acreditaríamos que isso seria a paisagem; mas sim, o que fizemos da paisagem. Pintamos um quadro tão bem quanto podemos, mas, provavelmente, nunca é tão belo quanto a própria paisagem. Ou acrescentamos alguma coisa que não está lá, ou deixamos fora alguma coisa; em todo caso, nunca cometemos o erro de confundir uma com a outra.

Se pensarmos em famílias religiosas como vinculadas à espiritualidade e no sentido da palavra religião – *religare* (lat) - imaginaríamos uma família afetiva e voltada a nobres valores como a atenção à subjetividade, ao coletivo e ao mistério que todos somos. Uma família em que a deusa Hestia² mantém seu braseiro aceso e seu fogo a espalhar calma e tranquilidade. O fogo, aquele que permite as devidas transformações e o caminho de diferenciação dos seus membros, com dores e sofrimentos, forma uma família com alma, é o que imaginamos. Essa seria a família ideal!

Uma família com alma? O que seria? Pensamos que seria uma família espiritualizada, aquela que permite aos seus membros uma ligação viva com o inconsciente coletivo. Estamos adentrando em temas complicados, pois são de difícil compreensão no plano racional. Porém, o filósofo, psicanalista e poeta Rubem Alves (2017), conseguiu desenvolver essa ideia de um jeito que só os poetas transmitem, mas que Jung (1991) já havia mostrado. É a ideia do vento, de ar em movimento - “hálito frio dos espíritos” – do latim, *animus* (espírito) e *anima* (alma); no grego- *anemos* e a outra palavra para vento *pneuma* significa espírito. A palavra *psyche* está ligada a *psychein*, soprar, *psychos*, fresco, *psychros*, frio.

Ao nos permitirmos, na imaginação ativa, que as imagens surjam, possibilitamos vivenciar esse algo que existe dentro de nós. O espiritual é um espaço dentro do corpo onde coisas que não existem, passam a existir, “a

² Na mitologia grega, era a deusa virgem do lar, da família e da arquitetura. Deusa do fogo doméstico, que simbolizava a luz e a paz que deveria reinar nos lares gregos.

imaginatio é, pois, um extrato concentrado das forças vivas do corpo e da alma”, dizia Jung (par.394,1990).

Voo, vento e liberdade nos levam a criar, à criatividade. Rubem Alves (2017), refletindo sobre essa ideia, disse: “...quando penso no espírito, me sinto parecido com uma pipa (ou papagaio ou pandorga) flutuando. Ou como uma nuvem...” Ele recorre ao Gênesis para nos mostrar essa relação com Deus.

No Gênesis (cap. I, v. II), ao descrever o Caos primitivo, se diz que o vento de Deus (espírito) pairava sobre as águas. No capítulo 2, versículo 7, se diz que nos tornamos seres humanos quando Deus nos soprou o vento da vida. E leia Ezequiel (cap. 27, v.1): “... Ele (Deus) me levou no seu vento...”. Além do texto clássico de Jesus, a conversa com Nicodemus: “o vento sopra onde quer...”. Assim, fica muito claro que, para compreender um pouco de espiritualidade, precisamos “voar nas costas do vento”. Rubem Alves sugere a espiritualidade como um viver em meio à presença de uma ausência. E cita o poeta Valery: “Que seria de nós sem o socorro daquilo que não existe?”.

A esse respeito, em seu livro *Resposta a Jó*, Jung disse:

A numinosidade do objeto torna difícil que se lhe dê um tratamento intelectual, pois é o caráter afetivo que entra sempre em linha de conta... ...Quem possui convicções religiosas positivas, isto é, quem crê, não somente encara a dúvida como coisa muito desagradável e penosa, mas também a teme. É por isso que não gostamos de analisar o objeto da fé.

(JUNG. C. G. *par. 735,1983*)

Jung percebeu um desenvolvimento no confronto dialético do consciente e do inconsciente, um progresso em direção a certa meta cuja natureza enigmática o ocupou “durante anos a fio”. Sua hipótese é de que há na alma um processo que tende para um fim, independente das condições exteriores. A personalidade se transforma quando impedimos a dominância do inconsciente, mas consideramos sua expressão criativa. Em suas palavras: “tratar com o inconsciente é uma questão vital; uma questão de ser ou não ser espiritual”. (par. 51, 2003)

Devemos, então, nos perguntar que coisas nos fazem voar e quais nos tornam pesados como pedras. E mais: como conviver com o peso e a leveza?

O Deus e o Diabo, o Bem e o Mal. E como isso pode reverberar na dinâmica familiar.

Se uma família considerar o seu deus como *Sumum bonum*, onipresente e onisciente, aquela que podemos chamar de “família margarina” ou do “papai sabe tudo”, essa família não nos procuraria, pois ela “entrega tudo pra Deus”; “Deus está nos vendo”; “foi Deus!”; “Deus sabe o que faz”! Essa é uma família rígida, regida por dogmas. E os dogmáticos não realizam o confronto dialético entre as polaridades dentro e fora, eu e o outro. Com as certezas dogmáticas tudo fica petrificado e paralisado.

Entretanto, há famílias que consideram sua alma e compreendem que seu fogo nem sempre brilha, que a deusa Hestia nem sempre está presente e o Deus não é só o *sumum bonum* e o Mal uma *privatio boni* da teologia dogmática, assim como não há normas nem moldes da família ideal. Essas famílias vão aos nossos consultórios em tempos de sofrimentos. Elas buscam ajuda para se compreender e não são rígidas, mas se sabem regidas por Deus e pelo Diabo, por luz e sombra, pelo Bem e Mal.

Carlos Byington (1996) escreveu que as polaridades Vida e Morte; Bem e Mal, são as mais difíceis de elaborar e organizar no conhecimento durante toda a vida. No entanto, não podemos pensar em um Deus sem o seu oposto, o Demônio, que atualmente encontra-se representado em prisões, hospícios, drogas, guerras (inclusive as religiosas entre igrejas), violências, doenças, o crescimento cancerígeno e a decadência da ética nas instituições. No mundo moderno das tecnologias avançadas, da exaltação da vontade nos pressionando para atender a tantas exigências, também exacerbam agonias de culpa nas crises de consciência quando nossa vivência se torna unilateral. Desse modo, a dinâmica familiar fragiliza e seus membros sentem-se desesperançados.

O Diabo no sistema familiar

Jung ficou impressionado, ao ler Fausto de Goethe, com o fato de que com Mefistófeles, Goethe levava a figura do diabo a sério. Schopenhauer, por

reconhecer a existência do mal e as misérias do mundo, também o impressionou.

Em nossa cultura, crescemos sob o mito do “manto da sagrada família” e o arquétipo da família está no centro dessa imagem. Essa ideia, por sua vez, nos convida ao vínculo de amor e a gerarmos uma família. É assim que buscamos o que chamam de lar – a moradia da alma. Entretanto, a mídia diariamente nos mostra como é, também, a moradia do Demônio - os segredos familiares, os abusos de crianças e de mulheres, assim como a enorme violência doméstica. O Diabo no sistema familiar se fortalece com a inconsciência da sombra familiar.

Toda a potencialidade contida em nosso DNA é lapidada no meio familiar; nosso melhor e o nosso pior. Zweig & Wolf, (2000) consideram que a família tem um poder mítico, a fonte de todo o bem e defesa contra o mal. É exaltada como um ideal sagrado, que promete raízes, parentesco de sangue, gerações futuras. Ela liga cada vida individual ao seu destino, dando a essa vida seu código genético, bioquímico e psicológico, junto com bênçãos e maldições.

A ruptura da estrutura tradicional de família - a sagrada família - provoca medo e insegurança e, muitas vezes, um apego às igrejas e seus dogmas. Inúmeras vezes, segredos e outras mazelas agem como compulsões e, quando não levam ao uso de drogas e violência, são contidos na doutrina de alguma igreja. Em muitas famílias, vemos o esforço para manter a identidade de “família religiosa”, que frequentam cultos religiosos, mas sacrificam a “alma familiar”. Isso acontece quando o falatório e a pregação impedem o silêncio, evitando assim o aparecimento de imagens sombrias.

A máscara familiar da imagem judaico-cristã lhes dá a ilusão de transmitirem generosidade, bondade, honestidade e fé. As religiões sempre pregam o ideal e muitas famílias se identificam com essas características ideais. Sentimentos considerados negativos como raiva, inveja, preguiça, ciúmes, adultério e outros ficam engaiolados formando a sombra familiar. O que não cabe nesse pacote vira “coisa do Diabo”. O que parece como belo e criativo “foi Deus”, transferindo assim a responsabilidade e compromisso com o próprio processo de individuação. Processo esse em que o ego toma

consciência do si-mesmo e experimenta uma diferenciação das identidades coletivas.

A erupção da sombra familiar em um sistema fechado pode aparecer através do “bode expiatório”, ou seja, aquele membro mais frágil que apresenta uma drogadição ou qualquer comportamento desconsiderado e negado naquela família – comportamentos compulsivos de jogos pela internet, distúrbios alimentares, depressão crônica ou ansiedade. O que vai para a sombra não é o mesmo desejo ou comportamento em todas as famílias. O determinante será o modo como se relacionam com aquele tema; em algumas pode ser a sensibilidade artística, em outras, a agressividade ou a sexualidade.

Zweig & Wolf, em *O jogo das sombras*, falam em pecados intergeracionais, como sendo a manutenção dos padrões destrutivos inconscientes. Esses padrões, segundo eles, nos mantém aprisionados dentro da sombra familiar. Esses pecados podem ser transmitidos por uma predisposição bioquímica, como, por exemplo, a síndrome do álcool no feto, a depressão endógena, ou a esquizofrenia.

É interessante a raiz etimológica da palavra pecado - vem do latim *peccatus*, “pisar em falso, tropeçar”, que significa errar o alvo, inibir o desenvolvimento, regredir ao invés de expandir-se. Análise, por sua vez, vem do grego *anályein*, “soltar, afrouxar”; *ana* “através” e *lysis* “afrouxamento”. É a ideia de que sem rigidez, aceitando os nossos tropeços, podemos compreender os “pecados”, e, assim, a sombra não será tão impenetrável.

Na Bíblia encontramos que os pecados de um homem serão punidos “nos filhos e nos filhos de seus filhos até a terceira e quarta gerações” (Êxodo 20:5). Jung, em sua obra, nos mostra como a vida não vivida dos pais aparece no comportamento dos filhos. Os que não aceitam a própria fragilidade costumam dizer ao filho que “homem não chora, chorar é coisa de maricas”, ou pior: “é coisa do Diabo”. Isso significa que, aquilo que não é desenvolvido em suas próprias vidas, é transferido para a vida dos filhos - consciente ou inconscientemente. Segundo Jung, quando uma situação interna não vem ao consciente, ela acontece do lado de fora, sob a forma de destino. Aparece na vida dos nossos filhos e dos nossos netos. E, assim falou Zaratustra:

Ó pregadores da igualdade, é o delírio tirânico da impotência que assim grita em vós por “igualdade”; vossos mais secretos desejos tirânicos assim se disfarçam em palavras de virtude!

Magoada presunção, inveja contida, talvez presunção e inveja de vossos pais: irrompem dentro de vós como chama e delírio de vingança.

O que o pai silenciou vem a falar no filho; e muitas vezes vi o filho como o segredo revelado do pai.

(NIETZSCHE pg.95, 2011)

Em busca da psicoterapia profunda

Na Antiguidade, os mistérios eram iniciações, ritos de passagens que implicavam em um novo modo de vida com reverência ao sagrado. Essa era a *terapia* na Grécia antiga, palavra que significava cura, mas ao mesmo tempo, servir a Deus. Só desse serviço aos Deuses poderia advir a verdadeira cura. O processo interior era tão importante quanto o do mundo exterior, um refletia no outro. Os gregos também passaram a ter intimidade com as fraquezas e as peculiaridades dos Deuses à medida que puderam identificar seus representantes humanos. Cada divindade expressando realidades arquetípicas. Jung nos mostrou a força dos arquétipos e o quanto eles podem apoderar-se de nós repentinamente. A constelação de uma dessas forças nem sempre trará seu polo positivo, o que gera um desequilíbrio na dinâmica familiar.

Uma família, ao buscar ajuda de um psicoterapeuta, está reconhecendo uma situação conflitiva e sofrida pelos seus membros. O sofrimento nem sempre é reconhecido por todos, as vivências diferem em gerações distintas.

Um jovem busca se ajustar e obter sucesso na vida, desse modo, é importante formar o seu eu consciente da maneira mais eficaz possível, isto é, educar a sua vontade. Ele tem que se sentir um ser volitivo. Assim, pode ser conveniente que desvalorize as outras coisas dentro de si, ou que as considere dependentes da sua vontade, pois essa ilusão contribui para conseguir ajustar-se socialmente.

Entretanto, como nos mostra Jung, as coisas mudam quando o homem entra na segunda metade da vida. Aí ele já não tem necessidade de educar sua vontade consciente, mas precisa da experiência do seu próprio ser para

entender o sentido da sua vida individual. Parece ser o tempo em que o chamado “instinto de individuação” se impõe.

Adélia Prado expressa muito bem o que Jung chamou de “instinto de individuação” em “A filha da antiga lei”:

Deus não me dá sossego, é meu agulhão.
Morde meu calcanhar como serpente,
faz-se verbo, carne, caco de vidro,
pedra sobre a qual sangra minha cabeça.
Eu não posso dormir sob a luz do seu olho que me fixa.
Quero de novo o ventre de minha mãe,
sua mão espalmada contra o umbigo estufado,
me escondendo de Deus.

(PRADO. p. 268, 1991)

O “instinto de individuação” está sempre nos indicando o esforço de nos tornarmos inteiros. A psicologia analítica preconiza que o processo de individuação se apoia na consciência da própria sombra, da escuridão, do que não pode ou não quer se adaptar às convenções religiosas ou civis.

As doenças e as crises parecem ter a função de reorientar nossas vidas quando o estágio anterior perde o sentido e a mesmice perturba e incomoda a dimensão criativa. Nessas vivências de fronteiras em que “Deus não me dá sossego” os contrários como saúde-doença, vida-morte, consciente-inconsciente, bem-mal ficam exacerbados. O tremor e temor nos forçam a arrefecer nossas defesas e, muitas vezes, fazem com que, misteriosamente, se desmoronem. A consciência dessas defesas pode impedir a passagem dos germes e micróbios e se tornar simbólica ou sagrada, no sentido de que qualquer tentativa de explicação pode esvaziar a alma; a *coniunction* sagrada. O símbolo fica enfraquecido quando suspeitamos e criticamos as vivências. Ouvir a nona sinfonia de Beethoven pode despertar emoções distintas nas pessoas. No entanto, após compreender como foi composta, o que os acordes representavam àquela altura da sua vida, nunca mais nos pareceu a mesma peça; passamos a ouvi-la de um modo diferente. O mistério e o sagrado perderam a força na audição.

Consideramos o objeto da psicoterapia à luz da psicologia analítica, ou seja, não a neurose, mas a integridade perturbada da dinâmica familiar. Desse modo, não existem doenças e sim um sistema familiar doente.

A fim de sairmos do roteiro básico e pensarmos numa ligação mais profunda entre os membros da família, que é o que nos interessa nesse texto, incluímos o trabalho de imaginação ativa. A introdução de técnicas não verbais contribui, pois a dimensão verbal em si não basta e a terapia precisa lidar com esse problema. Com sua técnica de “imaginação ativa”, Jung nos mostra a importância do diálogo consciente e inconsciente, pois só assim ampliamos nossa consciência impedindo que nosso mundo interno se petrifique.

No consultório, trabalhando com técnicas de imaginação, permitimos que o inconsciente faça aquilo que sabe, ou seja, apresentar os símbolos corretos na ocasião devida. Muitos terapeutas de famílias utilizam das técnicas de Meditação com a perspectiva relacional, espiritual e de ampliação de consciência. Em palestra com a italiana Umberta Telfener, ouvimos o que ela denomina “Genograma emocional” em que objetiva a reflexão do sistema com uma série de perguntas a respeito. Interessante, uma das perguntas que se faz: “como poderiam se tornar poetas?”. Essa questão é para que possam sair do roteiro básico e fazer algo diferente.

Esse conhecimento inteligível nos apresenta como simbólico, a psique é mistério que se manifesta nas vivências do dia a dia. A busca será sempre a diferenciação ansiando o encontro com a personalidade maior. Na psicologia *junguiana* pensamos, então, no encontro ego-*Self*. À medida que um dos membros da família se abre para esse encontro, o sistema familiar se transforma. É uma vivência espiritual em que o centro ou a fonte pode ser nomeado de acordo com diferentes abordagens.

O problema dos opostos bem e mal

“Sem a experiência dos opostos não há experiência da totalidade e, conseqüentemente, não há aproximação das figuras sagradas”, disse Jung (1983). Para ele, a religião é uma relação com o valor supremo ou mais poderoso, seja ele positivo ou negativo. Essa relação, por sua vez, pode ser voluntária ou involuntária, ou seja, alguém pode estar possuído inconscientemente por um “valor”, um fator psíquico cheio de energia, ou pode adotá-lo conscientemente.

Desse modo, precisamos reconhecer o lugar do sagrado, o símbolo como sagrado, Deus em nós como imago psíquica arquetípica, imagens presentes nos mitos, pois o divino nos fala pela linguagem mitológica e, por isso, somos “tocados”. “O fator psicológico que, dentro do homem, possui um poder supremo, age como Deus, porque é sempre um valor psíquico avassalador que se dá o nome de Deus” (JUNG. par. 137, 1983).

Deus não é só o *sumum bonum* e o Mal uma *privatio boni* da teologia dogmática. Jung une esses contrários no Deus criador da luz e das trevas, do céu e do inferno, do amor e da raiva, do bem e do mal. A luz só brilha nas trevas e o psíquico que Jung acolhe é a união desses contrários. Nesse sentido, em seu livro *Resposta a Jó* ele traz sua emoção diante do sagrado. Aos 75 anos de idade, num impulso de inspiração, Jung escreveu “Resposta a Jó” e disse:

Na primavera fui atormentado pelo meu fígado, tive que permanecer frequentemente acamado e, em meio a essa *misère*, escrevi um pequeno ensaio ...se existe algo como um espírito que nos agarra pela nuca, foi desse modo que nasceu esse livro.

(JUNG. p. 197, 1979)

Na velhice, Jung comentou que gostaria de reescrever todos os seus livros, exceto esse, com o qual estava inteiramente satisfeito, segundo Von Franz (1975).

Jó sofre a aposta, o teste de Javé e Satã. A afirmação do Satã era de que Jó só era um homem justo por interesse nas recompensas que esperava receber de Javé e que o amaldiçoaria se fossem retiradas. Javé aceita a aposta e Jó perde tudo, até a própria saúde. Jó protesta, reclama, e, como sempre, aparecem os “amigos” e a mente racional querendo justificar as desgraças questionando: “Qual o erro cometido?”, “Por quê?”.

Jung reconhece nessa história a pura numinosidade do divino: potência além da recompensa pelo Bem e da punição pelo Mal do homem. As antinomias divinas invadiram Jó e sua consciência fora inundada com uma vivência mística.

O poder divino permanece irracional, misterioso e sagrado. Como explicar Jesus na cruz ao dizer: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” A

realização da nossa sombra aparece em Jesus ao sugerir a prece: “Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do Mal”. Precisamos pedir a Deus para não repetirmos Jó, pois Deus é capaz disso em sua liberdade todo-poderosa. Nos mitos, os Deuses buscam a humanização, e na Psicologia Analítica, Jung procura mostrar como Deus quer se tornar homem e como a resolução dos opostos deve se dar no homem. Temos que reconhecer que em nossos sintomas existem forças que não podemos controlar e que desejam algo de nós.

Como Jó, temos, muitas vezes, a sensação de que o Divino quer algo de nós e que somos, então, pressionados a viver situações de conflitos e aflições. Tememos ficar vulneráveis às interferências constantes do inconsciente nos nossos planos conscientes. Um jeito que encontramos para fugir do Demônio – o Mal – é nos identificarmos com o Bem e projetarmos o Mal nos outros. Apontamos nosso dedo indicador para os outros e não percebemos que temos três dedos apontados em nossa direção. Ampliação de consciência implica na percepção de que tanto o Mal quanto o Bem estão em todas as direções.

Whitmont, em seu livro “Em busca do símbolo”, considera o processo de individuação como uma crucificação. O que nos pressiona, como representante do Divino e do *Self*, pode tanto deprimir quanto redimir. Como disse o poeta Manoel de Barros; “pra ter mais certezas tenho que me saber de imperfeições”.

Lembramos Joseph Campbell (p.143, 2003) ao ressaltar como uma pessoa comum pode alcançar a transcendência, “aquilo que está além de toda conceituação”. Escreveu: “Aprenda como ler um poema. Você não precisa de experiência para entender a mensagem, ou qualquer coisa relacionada à mensagem. Isso vem gradualmente”. Há muitos modos, porém, de se chegar à experiência transcendente. Os poetas sabem como expressar o simples e o óbvio. Emily Dickson em “Deus em meu quintal” mostrou esse sentimento ao escrever:

Alguns guardam o domingo indo à igreja.
Eu guardo ficando em casa.
Tendo um sabiá como cantor
e um pomar por santuário.

Alguns guardam o domingo em vestes brancas.
Mas eu só uso minhas Asas.

E ao invés de repicar os sinos da Igreja,
nosso pássaro canta na palmeira.

É Deus que esta pregando, pregador admirável
e o seu sermão é sempre curto.

Assim, ao invés de chegar ao céu, só no final
eu o encontro o tempo todo no quintal.

(DICKSON, p.75.2014)

Do termo grego *gnosis*, ou conhecimento, essa experiência espiritual foi denominada de gnosticismo e descreve a percepção intuitiva do mistério que transcende a fala. Por essa razão, a linguagem que usamos ao falar do mistério religioso é a metáfora. “Todas as nossas ideias religiosas são metafóricas de um mistério.” Importante no símbolo, para não perder sua mensagem, é não confundir a denotação da metáfora com sua conotação.

Finalizando, considero que devemos pensar sempre na convivência com Deus e o Diabo. As identidades familiares são marcadas pela maneira como lidamos com nosso Deus e nosso Diabo; de que jeito passamos pelos inferos e como de lá saímos. Ou seja, como estamos equacionando nossa luz e sombra.

E assim falou Jung:

A experiência religiosa é algo de absoluto. Não é possível discutir acerca disso. Aquele que a tem, possui qual um inestimável tesouro, algo que se converteu para ele numa fonte de vida, de sentido e de beleza, conferindo um novo brilho ao mundo e à humanidade. Ele tem *pistis* e paz. ...Haverá uma verdade melhor, em relação às coisas últimas, do que aquela que nos ajuda a viver?

(JUNG. par.167,1983)

Referências bibliográficas

BYINGTON, C.A. **O arquétipo da vida e da morte**: um estudo da psicologia simbólica. Junguiana. Revista da sociedade brasileira de psicologia analítica. V.14 p.92-115, 1996.

CAMPBELL. J. **Tu és isso**: transformando a metáfora religiosa. São Paulo: Madras, 2003.

DIKSON. E. **Duzentos poemas**. Lisboa: Relógio D'Água editores, 2014.

JUNG C. G. **O problema fundamental da psicologia contemporânea**: O.C. v. VIII. Petrópolis: Vozes, 1971.

_____ **Historia e psicologia de um símbolo natural**. In: Psicologia da religião ocidental e oriental: O. C. XI. Petrópolis: Vozes, 1983.

_____ **A autonomia do inconsciente** In: Psicologia da religião ocidental e oriental: O. C. XI. Petrópolis: Vozes, 1983.

_____ **Resposta a Jó**: O.C. v XI par. 735. Petrópolis: Vozes, 1983.

_____ **Psicologia e Alquimia**. O.C. v. XII par.394: Petrópolis: Vozes, 1990.

_____ **Cartas**: carta de 30 de agosto de 1951. v. II, Petrópolis: Vozes., 2002.

NIETZSCHE F. **Assim falou Zaratustra**: Companhia das letras: São Paulo, 2011.

PRADO. A. **Poesia reunida**: São Paulo: Siciliano, p.268. 1991

VON FRANZ. M. L. C.G. **Jung: His Mith in our time**. Nova York: G.P. Putnam's Sons, 1975. p. 161.

WITMONT. E.C. **Em busca do símbolo**: conceitos básicos da psicologia analítica. São Paulo. Cultrix.

ZWEIG, C. & WOLF, S. **O jogo das sombras**: iluminando o lado escuro da alma. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.